

# **A extrema direita e o poder**

histórico, diagnóstico e perspectivas

**Makchwell Coimbra Narcizo**

(Organizador)





---

# **A extrema direita e o poder**

histórico, diagnóstico e perspectivas

---

Conselho Editorial Técnico-Científico Mares Editores e Selos Editoriais:

Renato Martins e Silva (Editor-chefe)  
<http://lattes.cnpq.br/4416501555745392>

Lia Beatriz Teixeira Torraca (Editora Adjunta)  
<http://lattes.cnpq.br/3485252759389457>

Ilma Maria Fernandes Soares (Editora Adjunta)  
<http://lattes.cnpq.br/2687423661980745>

Célia Souza da Costa  
<http://lattes.cnpq.br/6191102948827404>

Chimica Francisco  
<http://lattes.cnpq.br/7943686245103765>

Diego do Nascimento Rodrigues Flores  
<http://lattes.cnpq.br/9624528552781231>

Dileane Fagundes de Oliveira  
<http://lattes.cnpq.br/5507504136581028>

Erika Viviane Costa Vieira  
<http://lattes.cnpq.br/3013583440099933>

Joana Ribeiro dos Santos  
<http://lattes.cnpq.br/0861182646887979>

Marcia Tereza Fonseca Almeida  
<http://lattes.cnpq.br/4865156179328081>

Ricardo Luiz de Bittencourt  
<http://lattes.cnpq.br/2014915666381882>

Vitor Cei  
<http://lattes.cnpq.br/3944677310190316>

# **A extrema direita e o poder**

histórico, diagnóstico e perspectivas

1ª Edição

Makchwell Coimbra Narcizo

(Organizador)



Rio de Janeiro

Eulim

2020

Copyright © da editora, 2020.

Capa e Editoração  
Mares Editores

Todos os artigos publicados neste livro sob a forma de capítulo de coletânea foram avaliados e aprovados para sua publicação por membros de nosso Conselho Editorial e/ou colaboradores pós-graduados da Mares Editores, assim como pelos organizadores da obra.

#### Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

A extrema direita e o poder: histórico, diagnóstico e perspectivas / Makchwell Coimbra Narcizo; (Organizador). – Rio de Janeiro: Eulim, 2020.

312 p.

ISBN 978-65-87698-00-7

[doi.org/10.35417/978-65-87698-00-7](https://doi.org/10.35417/978-65-87698-00-7)

1. Ideologias Políticas. 2. Extrema Direita. I. Título.

CDD 320.5

CDU 32/49

Os textos são de inteira responsabilidade de seus autores e não representam necessariamente a opinião da editora.

2020

Todos os direitos desta edição reservados à

Mares Editores e seus selos editoriais

Eulim é um selo editorial de Mares Editores

Contato: [mareseditores@gmail.com](mailto:mareseditores@gmail.com)

## Sumário

Apresentação .....	9
O <i>Front National</i> e as relações com a direita e extremas direitas na França: da fundação à gestão Marine Le Pen .....	14
O Percurso do Conservadorismo ao Fascismo: o caso da <i>Action Française</i> .....	34
Extrema-Direita: conceituação, principais características e ascensão contemporânea: uma análise sobre os episódios <i>Brexit</i> e eleição de Donald Trump .....	62
A extrema direita e o <i>pensamento único</i> .....	99
Do Fascio ao Sigma: apontamentos sobre as atividades integralistas em Barbacena-MG entre os anos de 1934-1938. ....	115
A recepção das ideias políticas de Hannah Arendt pelo liberalismo humanista de Marcílio Marques Moreira: a retórica dos projetos de abertura política no Brasil da virada .....	155
Teorias e consensos sobre o Estado no Ocidente.....	191
A representação do negro (a) em três contos de Luiz Silva (Cuti) .....	223
A pandemia e a crise dos populismos de extrema direita nos Estados Unidos e no Brasil .....	254
The men and the ruins. An approach to Argentina's extreme-right since 1983 .....	266
Sobre os autores .....	307

# A pandemia e a crise dos populismos de extrema direita nos Estados Unidos e no Brasil

Ariel Goldstein<sup>102</sup>

## **A extrema direita no governo, entre o populismo e o pós-fascismo.**

Este artigo apresenta considerações a respeito da forma em que os populismos de extrema direita do Brasil e Estados Unidos enfrentaram a crise do Covid-19. O artigo analisa as respostas dos governos e o estilo de governança desenvolvido perante a crise, assim como a perda de apoios que originou, enquanto a gestão da crise entrou em conflito com as expectativas da população. A análise nos leva à conclusão de que a nova situação produzida pelo Covid-19 deixou os governos de Bolsonaro e de Trump sem apoios sociais que antes pareciam garantidos para os seus processos políticos. A crise da pandemia transformou-se, nestes dois países, numa profunda crise política e colocou em xeque, ao colocar em evidencia perante a população o estilo fantasioso e conflitivo de governança populista de extrema direita, suas chances de reeleição.

Estados Unidos e o Brasil formam parte de uma tendência de governos de extrema direita que está se desenvolvendo ao redor do mundo e inclui os governos europeus da Polónia e Hungria. As eleições

---

<sup>102</sup> Doutor em Ciências Sociais, Universidad de Buenos Aires.



do Donald Trump pelo Partido Republicano nos Estados Unidos em 2016 e Jair Bolsonaro no Brasil em 2018 foram expressões dessa tendência nas duas democracias mais numerosas do continente americano.

As sociedades brasileira e norte-americana têm em comum um passado escravista e racista com profundas desigualdades. Fazendo uso dessas heranças históricas, Trump e Bolsonaro fazem uma reivindicação de uma *comunidade nacional homogênea* frente a aqueles que são definidos como “diferentes” ou “inimigos” da comunidade. No caso do Trump, isso é simbolizado com o slogan da sua campanha em 2016 referido a “Fazer a América Grande de Novo”, retornando a um tempo idealizado da hegemonia internacional norte-americana e dos White, Anglo-Saxon and Protestant (WASP), e no caso de Bolsonaro, enquanto repete isso mesmo com “Brasil grande de novo”, ataca a esquerda e as minorias sexuais e faz reivindicação do período da ditadura militar (1964-1985).

O fascismo clássico se caracterizou por encontrar um “inimigo nacional” para culpar pelos ressentimentos da sociedade. Na Alemanha de Hitler foram principalmente os judeus, e na Itália de Mussolini foram principalmente os comunistas. Trump definiu os imigrantes e os muçulmanos como os inimigos, e Bolsonaro os chamados “esquerdistas”, “vermelhos” e as minorias sexuais.

O artigo considera estes dois governos de extrema direita como processos políticos que se caracterizam pela polarização, colocando

culpáveis, atacando a mídia tradicional do país, rejeitando as recomendações dos cientistas e rechaçando o *accountability* e a transparência sobre as suas medidas políticas.

Além disso, podemos fazer a diferenciação com Kershaw (2015) entre o fascismo clássico dos anos '30-'45 do século XX, que teve um eixo central na mobilização de massas e a refundação das instituições, e o populismo da extrema direita, onde estariam os governos de Trump e Bolsonaro. Trump e Bolsonaro podem ser entendidos como "*celebrities do posfascismo*", lideranças da direita nas redes sociais e na televisão (TRAVERSO, 2018), mas não exatamente como mobilizadores de massas das características tipicamente fascistas de aniquilação do "inimigo". Traverso entende assim a questão:

Hoje, o pós-fascismo das novas direitas não aparece mais de uniforme como os fascistas do século XX, e o carisma de Marine Le Pen não tem muito a ver com o de Mussolini ou Hitler. A Frente Nacional não precisa mais de fiéis, de um líder deificado ou de uma religião política. Seu carisma é expresso mais pela imagem da televisão, códigos de comunicação muito controlados que são os da política contemporânea. Essa é uma ruptura muito clara quando se trata do estilo político" (TRAVERSO, 2018: 144).

Então, Trump e Bolsonaro não têm a capacidade de desenvolver uma política tipicamente fascista pelas restrições

institucionais existentes nos marcos democráticos, e tampouco conseguem refundar as instituições, além de que possa haver uma pretensão de refundação. Isto é especialmente assim nos Estados Unidos, onde a capacidade das instituições como o Congresso e a Corte Suprema de colocar limites as iniciativas do presidente é mais forte do que no Brasil.

Estes dois governos também podem ser compreendidos pela categoria de “populismo de direita”, seguindo a definição de Casullo (2019). Para a autora

O populismo de direita mantém uma estratégia [...] com políticas redistributivas “para cima”, às quais acrescenta uma forte ênfase na necessidade de manter certas hierarquias sociais que considera 'naturais' e uma obsessão xenofóbica para defender os limites da comunidade política contra fatores designados como contaminantes da pureza do 'povo verdadeiro' (CASULLO, 2019, p. 130).

Para a autora, os populismos da esquerda atingem os setores da “cima” e os da direita os setores de “abaixo”.

### **A polarização frente a pandemia e a crise dos populistas de extrema direita**

O caráter internacional da pandemia colocou a prova a capacidade dos distintos Estados para reagir aos desafios colocados no sistema de saúde e de políticas públicas pela expansão do vírus. Em

sociedades caracterizadas pelo medo e a desconfiança, até os laços mais fortes e primários ficaram em risco (família, afetos e pequenos grupos que formam parte da configuração da identidade das pessoas). Os rituais coletivos e familiares que organizam, estruturam e dão sentido e previsibilidade à vida cotidiana ficaram suspensos.

Nesse contexto de incerteza que apresentava em alguns países imagens do “Estado de natureza” tal como fora teorizado pelo Thomas Hobbes, surgiram expectativas por uma liderança que tivesse a capacidade de representar a “união nacional”. Essas expectativas expressavam a tarefa de reunir a comunidade social em estado de alerta para enfrentar a ameaça e o estado de anomia<sup>103</sup>.

A pandemia colocou muito peso, responsabilidade e poder sobre as lideranças do Poder Executivo em diferentes países. Frente a um inimigo desconhecido com o qual são desconhecidas também as formas de confrontar, a liderança presidencial tornou-se fundamental frente a sociedade para restituir a confiança e simbolizar a unidade nacional em torno de valores comuns.

A busca de uma liderança forte da população perante a crise explicou o aumento inicial na aprovação nas pesquisas de opinião de Trump nesse contexto, apesar de sua resposta deficiente para evitar a propagação da pandemia. Assim, a eleição se tornou um plebiscito por sua capacidade de gerenciar a crise, onde o candidato do Partido

---

<sup>103</sup> O conceito de anomia fora tematizado pelo sociólogo Emile Durkheim, é referente a ausência do valor regulatório das regras e normas sociais.

Democrata para 2020, Joe Biden, ficou num lugar secundário (BURNS E MARTIN, 2020).

A ausência de empatia destes governantes com setores da população, aqueles setores subalternos aos quais esses governantes atacavam como inimigos em função de manter a essência da polarização na sua construção populista (CASULLO, 2019) ficaram expostas com a pandemia. A resposta de Trump e Bolsonaro teve como principal preocupação manter a polarização para manter a popularidade, colocando a polarização como prioridade, acima do destino daqueles que sofriam a epidemia e o vírus.

Desde o começo, tanto no Brasil como nos Estados Unidos, a tendência do Bolsonaro e do Trump foi de negação da relevância do desafio para o sistema de saúde da pandemia do Covid-19. As duas lideranças tiveram uma resposta semelhante, caracterizada pelo cinismo.

Bolsonaro e Trump buscaram “priorizar” a reativação da economia sobre as prevenções médicas para os avanços do novo vírus. Isso levou a os dois a entrar em conflito com autoridades locais como governadores e prefeitos que buscavam instalar medidas de isolamento social mais fortes.

Bolsonaro argumentou que “tem gente que vai morrer, sim”. Com seu desprezo pela vida, ele repetia um discurso semelhante a aquela reivindicação da tortura e torturadores como Carlos Alberto Brilhante Ustra, que havia feito ao longo da sua trajetória,

particularmente no seu discurso em 2016 para o impeachment da Dilma Rousseff. Ele negou-se a revelar o resultado do seu teste do Covid-19. Depois, quando foi questionado pelo aumento dos mortos e da expansão do vírus, ele respondeu, “E daí? Peço desculpas. Eu sou Messias, mas não faço milagre”. Também pretendeu convocar a um “churrasco” no Palácio do Alvorada questionando o isolamento social, e no dia em que foram reveladas cifras que superaram as mortes pelo Covi-19 no Brasil, esteve andando em Jet-Ski.

O cinismo do Trump na sua resposta pelo incremento dos mortos e contágios da pandemia também ficou evidente. Ao começo, Trump tentou colocar a China como culpável do vírus chamando o COVID-19 de “vírus chinês”. Isso é compreensível no contexto da competição entre Estados Unidos e a China pela hegemonia e as inovações tecnológicas no mundo, particularmente o domínio da Tecnologia Informática da 5G.

Trump recomendou, no momento de incremento na quantidade de mortos pelo vírus, se colocar desinfetante dentro do corpo na busca da recuperação do Covid-19. Assim, gerou comportamentos perigosos na população. Mas também assim ele conseguiu mais uma vez controlar a agenda pública e colocar a atenção onde ele quer e não por exemplo nos avanços da pandemia nos Estados Unidos e o colapso do sistema de saúde em cidades como Nova Iorque.

Trump tentou chamar para os seus seguidores “libertar os Estados” onde havia medidas de quarentena social e isolamento, colocando o foco em aqueles que tinham governadores do Partido Democrata. Assim, militantes da extrema direita se mobilizaram armados exigindo a abertura das lojas. A queda de popularidade do Trump pela gestão da crise terminou gerando grande preocupação das lideranças do Partido Republicano, temendo que a queda arraste também a eles (MARTIN E HABERMAN, 2020).

Bolsonaro confrontou as recomendações de especialistas médicos diante do avanço da pandemia, identificando múltiplos inimigos, mantendo a polarização como uma forma de governo. Entrou em tensão com o Supremo Tribunal Federal, os governadores do Rio de Janeiro e São Paulo, levando à renúncia durante a pandemia de dois ministros da Saúde (Luiz Henrique Mandetta e Nelson Teich). Essas situações geraram uma perda da popularidade do mandatário brasileiro nos bairros da classe média alta que constituem sua principal base de sustento social, onde tem recentemente sofrido panelaços. Ao mesmo tempo, reforçou sua adesão por parte dos seus seguidores incondicionais. Aparentemente, ele ainda conserva o apoio de um terço da sociedade e o apoio dos militares que, com sua imagem envolvida no destino do governo, apoiam Bolsonaro com a pretensão de salvar a imagem e o prestígio da corporação perante a sociedade.

A renúncia de um pilar para as condições políticas de sua chegada à presidência, como o juiz Sergio Moro, para o cargo de

Ministro da Justiça, aumenta suas dificuldades e declina seu apoio entre os seus eleitores de 2018. O estilo *bolsonarista* de polarizar a construção política representa, no futuro, uma afronta ao acordo que grandes setores sociais exigem e aprofunda seu isolamento político.

O recurso à polarização, que foi fundamental para capitalizar o *antipetismo* nas eleições de 2018, revelou-se um problema para sua estabilidade no exercício de seu governo. A política brasileira, caracterizada por acordos de negociação permanente no “presidencialismo de coalizão”, teve um forte impacto com o estilo antagônico permanente postulado pelo *bolsonarismo*.

O caso brasileiro foi diferente do resto dos países da América Latina pela combinação de três fatores que estavam ausentes nos outros casos: 1) incompetência presidencial para elaborar uma estratégia nacional contra o vírus (de fato, Bolsonaro rejeitou qualquer medida de combate científica ao vírus) 2) sistema de saúde ineficiente e 3) alta concentração da população, já que se trata de um país com 210 milhões de habitantes, o mais grande da América Latina.

Esses efeitos se tornam mais nocivos, produzindo um declínio na popularidade presidencial, especialmente durante a crise do COVID-19, onde a população manifestou expectativas a respeito de uma liderança com uma capacidade de sintetizar as aspirações da unidade nacional para enfrentar os avanços da pandemia.

O estado de exceção introduzido pela pandemia revelou, tanto nos Estados Unidos como no Brasil, a verdadeira natureza dos



governos do Trump e Bolsonaro. Em situações de normalidade democrática, sua falta de compromisso com a verdade, seus ataques aos de abaixo e a incapacidade para ser colocar por cima das diferenças políticas e sociais para assumir uma representação do povo, não resultavam tão problemáticas. Mas numa situação excepcional de crise como a qual foi revelada pela pandemia, isso ficou evidente.

### **Conclusões**

A crise mundial da saúde voltou a colocar no debate a importância do Estado, o valor das lideranças de união nacional, e a importância da solidariedade no respeito as medidas de isolamento. Assim, a epidemia do Covid-19 constituiu um difícil contexto para estas duas lideranças baseadas no cinismo, na polarização e no desprezo do outro como forma de exercício do governo. Um terceiro caso dessa crise da governança populista da extrema direita com características semelhantes, mas que não foi abordado aqui, foi o de Boris Johnson na Inglaterra.

Os dois presidentes tentaram, frente a crise, continuar a polarização e se apoiar no núcleo mais duro dos seus seguidores incondicionais para que estes lideraram no espaço público reivindicações para quebrar os processos de isolamento social e conduzir a uma “retomada da economia”. Mas a crise da saúde foi mais forte e criou fortes tensões com as autoridades locais e também

setores da sociedade que até pouco tempo apoiavam os seus governos.

Esses governos, que agem “como se” fossem fascistas, na verdade só podem jogar a isso, no campo da fantasia das redes sociais e da mídia. Assim, enquanto o fascismo clássico se desenvolveu historicamente no campo de ação, esses governos populistas da extrema direita ou “pós-fascistas” desenvolvem sua ação política no campo do simbólico. Neste “fascismo das redes sociais” e especialmente do Twitter, as redes ocupam esse lugar emblemático porque é lá onde esses líderes realizam suas fantasias finais.

Nestes governos de “celebridades”, cuja ação política ocorre no mundo das “guerras culturais” criado pelas redes, a pandemia, com os mortos e os sofrimentos que trouxe, questionou com seu drama cotidiano, a realidade das “guerras culturais” e desmistificou-as. Apareceram as contradições entre a dolorosa realidade cotidiana e a realidade paralela da fantasia e a polarização, que é o verdadeiro alimento e impulso vital desses governos de extrema direita.

Esta nova situação produzida pelo Covid-19 deixou aos governos do Bolsonaro e Trump sem apoios que antes pareciam garantidos para os seus processos políticos. A crise da pandemia transformou-se nestes dois países numa profunda crise política e colocou em xeque, ao colocar em evidencia perante a população o estilo fantasioso e conflitivo da governança populista da extrema direita, suas chances de reeleição.

## Referências

BURNS, A. e Martin, J.: (8 de Abril de 2020) “Biden vs. Trump: The General Election Is Here, and Transformed”, *New York Times*.

CASULLO, M. (2019): **¿Por qué funciona el populismo?** Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Siglo XXI.

KERSHAW, I. (2016): **Descenso a los infiernos: Europa 1914-1949.** Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Crítica.

MARTIN, J. e Haberman, M.: (25 de Abril de 2020): “Nervous Republicans See Trump Sinking, and Taking Senate With Him”, *New York Times*.

TRAVERSO, E. (2018): **Las nuevas caras de la derecha.** Buenos Aires: Siglo XXI.